

INTRODUÇÃO

A TEORIA DE WINNICOTT

Como pediatra, Winnicott realizou milhares de atendimentos de crianças em hospitais e em seu consultório privado. Ao ler um texto de Freud, resolveu se analisar e estudar psicanálise. Fez análise com James Beaumont Strachey (1887-1967) durante dez anos e depois com Joan Riviere (1883-1962). Tornou-se um grande psicanalista e participou ativamente das duas grandes guerras mundiais. Na Primeira Guerra, Winnicott atuou como enfermeiro na marinha (WINNICOTT, 1965/1983). Na Segunda Guerra, participou do plano geral de evacuação de crianças, incluindo em suas funções os cuidados e sua manutenção (WINNICOTT, 1984/2012).

Winnicott (1988/1990) conceitua a natureza humana como resultante da interrelação da psique e do soma, sendo a mente uma ordem à parte – a natureza humana é psicossomática. Concebe o ser humano a partir de sua dimensão temporal: em suas palavras, “o ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 29). O processo de singularização do homem se faz no tempo, de acordo com o seu amadurecimento emocional, diferentemente da psicanálise tradicional, que ressalta o conteúdo do psiquismo, o que corrobora Safra (1999, p. 92): “é no tempo e com o tempo que se dá o acontecer do homem”.

Ao tratar de adultos psicóticos, de bebês e de suas mães, Winnicott constatou que o modelo edípico freudiano não era adequado para esses tipos de pacientes, sendo necessário pensar em um estado primitivo de dependência como o do início da vida (LOPARIC, 2013). Considerando isso, Winnicott criou a teoria do amadurecimento pessoal, na qual o indivíduo está em constante crescimento, com tendência à integração numa unidade para tornar-se uma pessoa total, capaz de estabelecer relações com o mundo externo e cuidar de si.

Segundo Winnicott, as bases da personalidade humana são construídas a partir da relação do bebê com sua mãe por meio do vínculo inicial, no corpo a corpo, projetando no futuro os relacionamentos daquele indivíduo com os outros. Para ele, o indivíduo só se realizaria no mundo se houvesse um ambiente facilitador (mãe, família, grupo social) que o auxiliasse a continuar a ser, ser criativo e ter uma vida que faz sentido. Assim, o foco de seu estudo sempre foi a natureza humana em sua dimensão intersubjetiva, o ser humano na relação com o outro.

A psicanálise winnicottiana tem como princípio a intersubjetividade na constituição da subjetividade humana. Isso significa dizer que o sujeito resulta sempre de uma relação com o outro que o precede e o determina, havendo um mundo intersubjetivo no qual ele está inserido. Essa perspectiva foi influenciada pelas contribuições filosóficas de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) sobre a genealogia da intersubjetividade (AYOUCH, 2012). Parafraçando Winnicott (1988/1990, p. 29), “não existe uma mãe sem um bebê”, porque ser humano é supor estar em relação com o outro.

Ainda na perspectiva winnicottiana, o indivíduo é um estado a ser conquistado pelo desenvolvimento maturacional que tende à integração, uma tendência à integração numa unidade. Esse processo se dá com o auxílio dos cuidados ambientais para que o eu seja constituído (WINNICOTT, 1988/1990).

A escolha da teoria winnicottiana se justifica pelo fato de Winnicott ter abordado em sua obra a maternidade, destacando o papel da mãe no desenvolvimento emocional humano, o que nos interessa tratar na presente pesquisa ao abordarmos os cuidados maternos. Seu conceito de saúde está moldado de acordo com o que é esperado em termos de maturidade emocional para determinada idade quando o indivíduo está com uma provisão de cuidados suficientemente boa do ambiente (WINNICOTT, 1988/1990). A conquista de um estado de unidade também é um sinal de saúde no desenvolvimento emocional de todo ser humano.

A provisão ambiental consiste nos cuidados mais básicos que a mãe dedica ao seu bebê desde o início da vida para atender às suas necessidades instintuais ou corporais. Conforme a mãe vai se identificando com as necessidades do bebê, as necessidades corporais vão se transformando em necessidades do ego. As identificações da mãe podem ser conscientes ou inconscientes. Se há afinidade entre mãe e bebê, essa relação permite a ele perceber que a mãe é uma pessoa presente (WINNICOTT, 1956/2000). Esses cuidados dispensados ao bebê e, mais tarde, à criança devem ser suficientemente bons para que possam crescer, sentir satisfações, lidar com conflitos em cada etapa da vida.

Em termos de psicopatologia, Winnicott considerava que os distúrbios se apresentavam quando algo deveria ter acontecido, mas não aconteceu em relação aos cuidados do indivíduo.

Os distúrbios são interrupções na continuidade do ser, cuja origem está nas falhas ambientais e nas reações do bebê a essas falhas, que acabam constituindo organizações defensivas mais ou menos rígidas. (LOPARIC, 2016)

É a partir do texto “A cura” (1970/2011) que Winnicott inaugura uma nova ética, a ética do cuidado, diferentemente de Freud, que propôs uma ética da autonomia (LOPARIC, 2013).

Winnicott (1970/2011) afirma que o lema de sua profissão é “cuidar-curar”, destacando o cuidado e o crescimento do paciente em relação ao tratamento e à cura da doença:

Em termos de doença social, o “cuidar-curar” pode ser mais importante para o mundo do que a “cura-tratamento” e do que todo diagnóstico e prevenção que acompanham aquilo que geralmente se denomina abordagem científica.

Num contexto profissional, dado o comportamento profissional apropriado, pode ser que o doente encontre uma solução pessoal para problemas complexos da vida emocional e das relações interpessoais; o que fizemos não foi aplicar um tratamento, mas facilitar o crescimento. (pp. 113-114, grifos nossos)

ENTENDENDO O TERMO “CUIDADO”

O cuidado assume dois significados: provisão ambiental suficientemente boa e responsabilidade pessoal do indivíduo de cuidar do ambiente e de seu dependente. O cuidado também se traduz na responsabilidade dos pais, da família, das instituições e da sociedade em geral de manter os cuidados maternos de acordo com as necessidades do indivíduo ao longo do processo de amadurecimento. Esses tipos de cuidadores devem garantir os cuidados suficientemente bons da mãe, promovendo estabilidade, previsibilidade e adaptação ativa à situação dos dependentes (LOPARIC, 2013).

Loparic (2013), ao tratar do sentido ético do cuidado em Winnicott, afirma que o cuidado materno está na esfera do dever ser, e não do poder ser. Isso quer dizer que uma mãe ao gestar e gerar um filho assume a responsabilidade por sua existência no mundo. Cabe à mãe proporcionar ao filho uma experiência de contato e de confiança para que ele se sinta real e possa se relacionar no mundo.

O dever de cuidar da mãe diz respeito a seus modos de ser, sua disponibilidade de se relacionar, de estar com o outro, para que esse comece a ser, continuar sendo, constituir-se como uma unidade, sentir-se vivo, espontâneo, real. Faz parte também do dever de cuidar da mãe sobreviver às agressões da criança, para que ela possa continuar sendo, e ajudá-la a assumir e reparar os danos causados.

No período de 1939 a 1965, Winnicott realizou cerca de cinquenta palestras radiofônicas na BBC de Londres, apresentando temas relacionados aos cuidados maternos. Com exceção de uma das palestras, as demais foram proferidas após o término da Segunda Guerra Mundial, momento em que a Inglaterra estava arrasada pela guerra.

Essa situação de exceção afetou de modo traumático as relações humanas, e aqui destacamos as das mães e de seus filhos.

Algumas crianças que estavam em alojamentos civis na Inglaterra foram resgatadas por suas mães, outras foram abandonadas. As famílias estavam destruídas diante de tantas perdas e lutos. Era preciso reconstruir a nação, começando pela valorização da família, ou seja, pela valorização da mãe e de seus cuidados.

Nessa época do pós-Segunda Guerra, o rádio teve uma imensa importância na vida das mulheres e das mães. Era o meio de comunicação mais usado por elas, e a maioria dos programas era feminina. O rádio tornou-se um veículo de expressão feminina muito significativo e, de certa forma, propagador da psicanálise, pois a partir dele Winnicott compartilhava seus conhecimentos de forma muito acessível às mães.

Em suas palestras, Winnicott auxiliava as mães a criar seus filhos, com o intuito de que compreendessem o que faziam, sem censurá-las. As orientações de Winnicott eram simples e apostavam na sensibilidade e no saber intuitivo das mães, encorajando-as ao exercício da maternidade.

O “CUIDAR” E AS MÍDIAS DIGITAIS

Já na contemporaneidade, as mães recorrem às mídias digitais em busca de apoio, informação, orientação, ajuda e conversa devido à facilidade e à rapidez desse meio. Desejam saber como cuidar dos filhos, técnicas para o dia a dia, buscam empatia e alívio para suas angústias com outras mães em grupos das plataformas digitais.

O advento das mídias digitais promoveu relevantes transformações no psiquismo e nas dinâmicas das relações humanas, trazendo discussões acerca das repercussões de seu uso na experiência da maternidade.

Lipovetsky (2004) denomina hipermodernidade a era digital, inaugurada na década de 1980, quando teve início a globalização da internet e a disseminação das mídias digitais. Segundo o autor, vivemos um tempo marcado pelos excessos: hiperconsumo, hipernarcisismo, hiperindividualismo e, por que não, *hipertecnologia*, considerando o fato de essas mídias terem se tornado uma nova necessidade básica humana.

É tamanha a intensidade de reverberação das inovações tecnológicas que existe a ideia corrente de que essas mídias seriam um agente externo e que atuariam, por conta própria, sem a ação humana. A esse respeito, Levy (2010) esclarece que a expressão “impacto das mídias digitais” na verdade é inadequada, já que estas são uma invenção, não havendo, portanto, como separar o elemento humano do elemento material (tecnologia). Em outras palavras, é impossível pensar as mídias digitais sem considerar que há sempre uma subjetividade operando.

Isso se reflete na clínica com queixas frequentes das mães sobre dificuldades nos cuidados e na educação dos filhos. Somado a isso, nota-se no discurso social e nas falas das analisandas uma confusão de saberes, informações contraditórias e incoerentes com a realidade da vida de cada uma, resultando em angústias por não conse-

guirem atender satisfatoriamente às demandas dos seus filhos, da família, do social e, principalmente, de si mesmas.

Os obstáculos encontrados na maternagem, como a idealização da maternidade e o excesso de demandas das mídias, da família e do social, têm gerado diversos tipos de adoecimentos psíquicos nas mães. Vê-se, assim, que a maternidade sempre foi e continua sendo uma condição feminina de muitos desafios e tabus.

As novas mídias apresentam inúmeras plataformas digitais relacionadas à maternidade, propiciando o acesso à informação de forma rápida e imediata. Contudo, apesar de proporcionar ajuda, suporte e interação, o contato com as mídias digitais não é inofensivo. Ao mesmo tempo que facilitam a vida humana, também podem provocar hiperconexão, hiperexcitação, vício, dispersão, excesso e confusão de informações. Os usuários têm acesso simultaneamente a informações contraditórias e de fontes diversas. Nas palavras de Han (2018b), os indivíduos estão imersos e submetidos ao *exame digital*,¹ afastando-se cada vez mais, também, de si mesmo.

Por outro lado, as mídias digitais também podem ser um novo espaço potencial para as mães partilharem angústias, dúvidas, informações sobre cuidados de filhos, principalmente em momentos da vida em que o encontro presencial não é possível.

O “CUIDAR” E A ACELERAÇÃO DAS COISAS

Diferentemente do que se possa pensar, a agitação em que vivemos hoje não é um estado novo de coisas. De acordo com dados históricos, há escritos anteriores à Revolução Industrial e à Revolução Francesa que noticiam a percepção de uma aceleração do tempo e da história (ROSA, 2019).

O mundo acelerado está em contínua velocidade até o presente, definindo as estruturas temporais da sociedade (ROSA, 2019). Com certa frequência, ouvimos em todos os ambientes que “a vida está passando muito rápido”, “o tempo está voando”, “não vi o ano passar”, indicando conflitos associados à nossa relação com o tempo.

Com a Revolução Digital, iniciada a partir da segunda metade do século XX, essa aceleração tem se mostrado mais intensa, devido ao processo de globalização e ao próprio funcionamento das mídias digitais, que provoca inúmeros estímulos e excitações por meio das telas. Isso nos leva de volta a Winnicott (1988/1990), que descreve estado excitado como o período em que há o predomínio de um impulso instintivo da criança; e o estado tranquilo como aquele que supõe a satisfação desse impulso, proporcionando um relaxamento da criança, fundamental para sua constituição e seu desenvolvimento.

1 “O exame digital não é nenhuma massa porque, nele, não habita nenhuma alma [*Seele*], nenhum espírito. [*Geist*]. Os indivíduos se fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum perfil próprio. [...] O exame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma voz. Também falta ao *Shitstorm* a uma voz. Por isso ele é percebido como *barulho*.” (HAN, 2018b, p. 27, grifos do original)

Ora, esse estado de relaxamento tão necessário à constituição psíquica não combina com a temporalidade digital. O bombardeio sensorial emanado das telas tem convocado a uma compulsão digital, saturando o sistema perceptivo e capturando a subjetividade humana: o corpo está presente, mas psiquicamente o indivíduo está ausente (JERUSALINSKY, 2017).

Temos observado que essa compulsão digital provoca mais ansiedade nas mães, manifestando em seu comportando automático no cuidado com os filhos ou na sua indisponibilidade física ou emocional para ser para o outro.

Kerckhove (2009) sustenta que cada mídia tem suas características específicas que interferem na psicologia humana, em como as pessoas se relacionam e na realidade em geral. Dessa forma, o uso da tecnologia digital pode influenciar diretamente como as informações são percebidas pelas pessoas e como elas se relacionam com a realidade exterior.

A digitalização da vida já é uma realidade que cada vez mais aproxima o homem da máquina, abolindo os limites entre ambos e expandindo as formas de estar e agir no mundo. As distâncias geográficas são anuladas mediante a presença virtual e a telepresença (SIBILIA, 2015).

É incontestável que a sociedade contemporânea vive permanentemente exposta a estímulos de toda ordem. A grande maioria das pessoas vive conectada aos seus *gadgets*, como se estes integrassem o próprio corpo – a exemplo disso, os smart watches, que fazem parte da vida de uma parcela mais significativa da população.

Lipovetsky e Serroy (2015, pp. 402-403) afirmam que “o digital gera uma existência abstrata, descorporizada, sem laço tátil com o outro”, que “vivemos num momento em que agir por agir substitui as volúpias sensoriais; a velocidade, o sonho; o virtual, o sensível”. Nessa linha, propõem que a sociedade contemporânea vive uma “desencarnação dos prazeres”, na medida em que a experiência do corpo está distanciada da vivência do prazer.

Outro entendimento é o de Le Breton (2018), que afirma o desaparecimento do corpo em várias situações contemporâneas, dentre elas, as relações digitais, onde há um desalojamento do sujeito, uma presença imaterial do indivíduo, sem voz e sem rosto. É comum o indivíduo ser capturado pelos chamados do virtual, esquivando-se do seu real papel social e se tornando indiferente ao que ocorre no seu entorno.

As mães contemporâneas convivem com um excesso de telas. Há um convite permanente das telas que clama a atenção delas (*always on*) em simultaneidade com as demandas infinitas de seus filhos. O uso das mídias digitais tem a função de captura de atenção e de arrebatamento, de modo que o indivíduo termina por ausentar-se de si mesmo. Se grande parte das mães está constantemente conectada aos seus aparelhos eletrônicos, é de se pensar que a experiência dos cuidados maternos se transformou significativamente com essa nova mediação tecnológica.

Ora, assim como o rádio foi o meio de comunicação que possibilitou que Winnicott divulgasse seus conhecimentos sobre cuidados maternos e orientasse as mães na

criação dos filhos, as mídias digitais atualmente são o veículo de comunicação que também transmite uma cultura, a cibercultura sobre os cuidados maternos.

Diante do exposto, que mudanças foram observadas entre os cuidados maternos veiculados no rádio na Inglaterra no pós-guerra e os contidos nas mídias digitais na contemporaneidade no Brasil?

RÁDIO VERSUS MÍDIAS DIGITAIS

Retornando o objetivo, nossa ideia nesta pesquisa é comparar a cultura dos cuidados maternos veiculada no rádio na Inglaterra do pós-Segunda Guerra Mundial por meio das palestras radiofônicas proferidas por Winnicott na rádio BBC de Londres e a cultura dos cuidados maternos das mídias digitais da contemporaneidade no Brasil por meio de um recorte da mídia digital: um grupo de mães no Facebook.

A perspectiva teórica utilizada foi a psicanálise, especialmente as contribuições de Donald Woods Winnicott e as de outros autores, como Zeljko Loparic, Leopoldo Fulgencio, Elsa Dias e Gilberto Safra.

No primeiro capítulo, descrevemos a cultura do rádio na Inglaterra à época do pós-guerra.

Já no segundo capítulo abordamos alguns aspectos da cultura das mídias digitais, como a cultura da hipermodernidade e sua relação com o tempo, o modo de funcionamento das novas mídias digitais, a corporeidade na Era Digital, o saber das novas mídias e as *Digital Moms*.

No terceiro capítulo, apontamos a ética do cuidado contida nas palestras radiofônicas de Winnicott.

Em seguida, no quarto capítulo, discutimos os dados coletados na mídia digital sobre os cuidados maternos.

Finalizamos a pesquisa comparando as duas culturas em relação aos cuidados maternos: a do rádio na Inglaterra no pós-Segunda Guerra e a das mídias digitais na contemporaneidade brasileira.

MÉTODO

As novas tecnologias digitais têm sido utilizadas com maior intensidade e frequência desde 2007, com o surgimento do iPhone e a propagação dos dispositivos *touch screen*. Desde então, o nosso viver se transformou, e as relações, o encontro com outro e tudo o que diz respeito ao cuidado e à saúde foram afetados significativamente.

Nesse cenário, as mães passaram a utilizar as mídias digitais como ferramentas facilitadoras da comunicação em geral e como um meio para obter informações, fazer trocas e compartilhar experiências sobre o cuidado com seus filhos, que merece um olhar mais real, humano e menos idealizado. A cultura na contemporaneidade tem

apresentado novos desafios no tocante aos cuidados maternos, o que já justificaria a escrita deste livro. A seguir, apresentamos dois exemplos retirados da ficção contemporânea.

Transportando-nos para o universo das séries, que capta o que há de mais atual no momento, o episódio “Arkangel” (2017) da série *Black Mirror* retrata uma mãe preocupada com a segurança de sua filha (uma criança de 3 anos) que instala em seu cérebro um dispositivo, sincronizado com seu tablet, capaz de detectar sinais vitais da criança, sua localização e eventuais indícios de estresse ou medo. Esse caso parece revelar um cuidado paranoico da mãe em relação à filha.

Já na minissérie *Years and Years* (2019), Bethany é uma adolescente que se identifica como “trans” (transumana) e é obcecada por isso. Vive se escondendo por trás de máscaras virtuais de *emojis* e só se comunica por meio delas. Pretende desfazer-se de seu corpo e transformar-se em dados, em algoritmos, e viver para sempre, ser eterna (ter sua versão digital), de acordo com a promessa vendida por uma empresa russa por alguns dólares. Trata-se de um caso em que a mãe, apesar de atenciosa, não consegue cuidar da filha adolescente de acordo com suas necessidades nesse momento de vida.

Além disso, falar sobre cuidados maternos é também falar de saúde mental, pois a mãe é a peça fundamental para a estruturação psíquica de todo ser humano. E Winnicott (1986/2011, p. 119) reconhece a importância da mãe, ao afirmar que:

todo homem ou mulher sadios, todo homem ou toda mulher que tem o sentimento de ser uma pessoa no mundo, e para a qual o mundo significa alguma coisa, toda pessoa feliz tem um débito infinito para com uma mulher.

Assim, considera-se que o tema aqui abordado é de grande relevância para o campo da psicanálise, visto que se trata de uma temática importante que merece atenção por suas repercussões no indivíduo, na família e na sociedade; o material coletado se refere a um período recente, de 2019 a 2021, sendo, portanto, bastante atual, contendo falas de mães na contemporaneidade; a pesquisa pode contribuir com novas reflexões para os estudiosos da parentalidade e para a área da psicanálise.

ABORDA

O método psicanalítico está presente, seja pela escolha bibliográfica, seja pela teoria winnicottiana, que propõe pensar a pesquisa do ponto de vista relacional, ou seja, a experiência do pesquisador faz parte de todo o percurso desta pesquisa e serve como instrumento para o método, devendo ser compreendido, por isso, como um trabalho único, uma experiência única.

No texto “Pediatria à psicanálise” (1948/2000, p. 234), Winnicott considera alguns pontos sobre fazer pesquisa em psicanálise:

há um ponto de partida subjetivo em todo processo de pesquisa. A objetividade surge mais tarde, através do trabalho planejado e da comparação entre as observações realizadas a partir de vários ângulos.

Tosta (2019, p. 300) nos lembra que, “assim como no tratamento analítico, pesquisador e pesquisado vivem juntos uma experiência, pois a pesquisa assim como a análise tem um caráter relacional”.

No tocante ao material de pesquisa psicanalítica, Winnicott (1986/2011, p. 174) é claro ao definir que é o ser humano “sendo, sentindo, agindo, relacionando-se e contemplando”.

Esta é, portanto, de uma pesquisa em psicanálise em que há a análise de duas culturas e de duas mídias: a do rádio na Inglaterra no pós-guerra e a das mídias digitais na contemporaneidade brasileira.

A produção deste trabalho consistiu na pesquisa bibliográfica sobre o tema, na análise das palestras radiofônicas de Winnicott dirigidas às mães no pós-guerra e no recorte de um grupo de mães do Facebook, a fim de comparar as culturas dos cuidados maternos. O procedimento ocorreu da maneira descrita a seguir.

Inicialmente, as palestras radiofônicas de Winnicott foram selecionadas a partir de suas seguintes obras: *Privação e delinquência* (1984/2012), *Conversando com os pais* (1993/1999), *A família e o desenvolvimento individual* (1965/2011) e *O bebê e suas mães* (1987/2020). Essa escolha se justifica pelo fato de a maioria das palestras ter sido realizada após o término da Segunda Guerra Mundial, período a ser investigado nesta pesquisa.

Em seguida, elaboramos categorias de acordo com a ética do cuidado proposta por Winnicott no texto “A cura” (1970/2011) e selecionamos os trechos das palestras radiofônicas em que identificamos essa ética.

Já a mídia digital foi escolhida como material por ser reconhecidamente um confessionário dos usuários, sendo possível encontrar lá relatos espontâneos das pessoas, o que a torna algo de grande interesse para o campo da psicanálise e para esta pesquisa.

Fidalgo (2015) reforça essa ideia, afirmando que nas mídias sociais as pessoas agem de forma espontânea, para manifestarem seu descontentamento e sua revolta com relação a situações de exploração, opressão e injustiça social e econômica. Ainda segundo ele,

temos de reconhecer que as mídias sociais dão azo a espontaneidades e especificidades, de que as mídias tradicionais, enquanto servidoras de agendas e interesses bem específicos, são incapazes. Todos têm direito ao uso da palavra e, à medida que esse uso se generaliza, os usos individuais deixam de ser mur-

múrios que mal se ouvem e, juntando-se, ganham uma dimensão de clamor que os ouvidos mais obtusos não poderão deixar de ouvir. A diversidade de vozes e de mensagens não obsta a que o clamor coletivo se torne bem explícito e claro nas suas reivindicações. (p. 30)

Essa espontaneidade que perpassa os usuários das mídias digitais permite uma comunicação mais solta e livre, fazendo-nos pensar que os *posts* e comentários das mães no grupo do Facebook correspondem à vontade das participantes.

Assim, a mídia digital selecionada para esta pesquisa foi um grupo de mães no Facebook cujo objetivo é o estudo da maternidade. Trata-se de um grupo criado em 14 de outubro de 2019 na rede social Facebook, contando, até novembro/2021, com 14,5 mil seguidores, tendo cerca de cinco publicações diárias.

É certo que as mães acessam diversas plataformas digitais em seu cotidiano, sendo o Facebook uma das redes sociais mais acessadas² em todo o mundo. Por essa razão, escolhemos essa rede social com o intuito de coletar o material necessário à pesquisa.

O grupo é composto em sua maior parte por mulheres-mães brasileiras, porém há alguns membros homens que são pais. Para os fins deste trabalho, serão utilizados apenas os *posts* e comentários de algumas mulheres-mães.

Foram escolhidos *posts* feitos no período de 2019 a 2021 com temas relacionados aos cuidados maternos também mencionados por Winnicott em suas palestras radiofônicas entre 1939 e 1965. Para isso, pesquisamos na mídia digital referida *posts* com esses temas a partir de palavras-chave, como “sentimento de culpa”, “amor materno”, “*burnout* materno”, “insegurança”, “sensibilidade a críticas e julgamento”, “frustração”, “ciúmes”, “intuição”.

As palavras-chave mencionadas foram escolhidas a partir de palavras que se repetiam nos textos de Winnicott, exceto “*burnout* materno”, expressão contemporânea que aparecia nos textos winnicottianos como “cansaço”, que seria o termo aproximado, já que a expressão não existia na época.

Os comentários aos *posts* foram selecionados atentando para o critério da diversidade, compreendendo conteúdos desde o senso comum até aqueles mais especializados, datando do final de 2019 até 2021.

2 Sobre as plataformas digitais mais acessadas no mundo, ver <https://www.weforum.org/agenda/2019/03/what-happens-in-an-internet-minute-in-2019/>. Acesso em: 11 nov. 2021.